

Família e paternidade: o papel do pai na criação dos filhos

Elizabeth Cristina Landi de Lima e Souza (UCG) – elizabethcris@uol.com.br

Maria Angélica Magalhães Rodrigues (UCG) - mamro@msn.com

Eixo 5 - Infâncias, adolescências e famílias

Resumo

A família é uma instituição historicamente constituída que ao longo do tempo sofre modificações em função das transformações econômicas, culturais e sociais, o que provoca também a produção de diferentes subjetividades. Neste sentido, para compreender o lugar do pai, o seu papel na família contemporânea, é necessário investigar o movimento histórico que produz diferenças nas relações familiares, uma vez que não é possível conceber o presente isolado no tempo, sem a referência dos condicionantes do passado.

A figura paterna tem sido documentada e analisada por vários autores em diversas áreas do conhecimento, e mais recentemente as mudanças na representação da paternidade têm chamado a atenção de pesquisadores. Contudo as publicações recentes são poucas, principalmente em relação à família brasileira e mais especificamente à região Centro-Oeste.

Um importante movimento histórico que deve ser levado em conta para a compreensão da família contemporânea é a transição da Idade Média para a Modernidade, o que implicou na transformação da família, de extensa a nuclear burguesa. Esta última forma se caracterizou por estabelecer um novo lugar para a criança e para as relações emocionais entre pais e filhos.

Segundo Engels (2002), na família burguesa do final do século XIX, a preponderância da figura masculina está atrelada ao poder econômico e também à posição pública do homem, que se apresenta na figura do pai-professor-patrão, ou seja, na posição de autoridade masculina.

A família burguesa de meados do século XIX apresenta-se como uma família urbana, com baixo índice de fertilidade e mortalidade, assumindo um padrão diferente de afetividade e privacidade. A responsabilidade do marido era manutenção econômica, sendo este autoridade dominante na família. À esposa cabia a tarefa de cuidar dos filhos e toda a responsabilidade em relação ao desempenho destes lhe era cobrada. A casa desvincula-se do trabalho, com isso a figura do pai está ausente na maior parte do dia.

Marcando a diferença em relação a outros tempos históricos, a família moderna constitui suas próprias leis, sem influência da jurisdição da sociedade, cabendo aos pais, principalmente ao pai, o total exercício da autoridade. Esta era exercida em nome do amor, havendo uma diminuição dos castigos físicos e um aumento das cobranças a um nível emocional e afetivo. Na família burguesa, portanto, há extrema privatização e suprema autoridade.

No século XX, há uma crescente perda da autoridade da família, que favorece e incentiva o novo modelo capitalista, pautado no individualismo. Principalmente no âmbito da classe média, difunde-se a idéia da família “ideal” dentro de um padrão americano, onde o pai é um trabalhador bem sucedido e a mãe, sempre feliz, é responsável pela organização do lar e pelo cuidado com os filhos, que sempre bem cuidados aguardam o pai retornar do trabalho para juntos desfrutarem os bens adquiridos e a casa bem equipada.

Já a segunda metade do século passado trouxe grandes mudanças que abalaram essa aparente harmonia da família “ideal”, deixando transparecer seus conflitos. Na década de 60 surge a pílula anticoncepcional que rompeu a ligação entre reprodução e sexualidade. A mulher passa a reivindicar então o direito ao prazer sexual, que há muito lhe havia sido cerceado, e recria a sua subjetividade ampliando a sua atuação no mundo social, com isso se introduz a “escolha” ao ambiente familiar. Na década de 80, a família é marcada por uma nova revolução com o desenvolvimento das técnicas reprodutivas e passa a ter autonomia e “poder” no planejamento familiar. A mulher e a criança passam a ter constitucionalmente os seus direitos estabelecidos e reconhecidos, pelo menos no papel, e ainda a possibilidade de reconhecimento da paternidade através do exame de DNA, que nos anos 90, introduz ou intensifica as tensões na posição do pai dentro da família. (Sarti, 2003)

A família do século XXI está sobre a influência de significativas mudanças e muitas interrogações surgem sobre como ela estará reagindo. Em especial as tensões introduzidas no universo masculino, em relação ao seu lugar na família e na criação dos filhos, espaço muito bem delimitado e estabelecido anteriormente, cria um vasto e interessante campo para pesquisa.

Esta pesquisa é parte do grande projeto intitulado “Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais”, desenvolvido através de parceria institucional estabelecida entre o Centro de Estudos Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil (CEPAJ) da Universidade Católica de Goiás (UCG) e o Centro Internacional de Estudos e Pesquisas

sobre a Infância (CIESPI) da PUC-RJ. Nesta etapa da pesquisa, a investigação se deu de forma qualitativa e teve como objetivos compreender como o pai tem participado da criação de seus filhos; qual a disponibilidade de tempo e as responsabilidades assumidas por ele em relação a cuidados como educação, saúde e lazer; investigar como e a quem está ligada a figura de autoridade.

As onze famílias entrevistadas têm desenhos diferentes, sendo: nuclear com criança agregada; nuclear simples; monoparental feminina extensa; nuclear reconstituída estando presentes a mãe duas filhas e o padrasto; monoparental feminina extensa com avó cuidando de netos; nuclear extensa; nuclear com avós cuidando de netos; monoparental feminina simples; monoparental masculina simples; monoparental com criança agregada; homossexual feminina criando criança.

Sem perder de vista a diversidade de desenhos familiares, foram estabelecidas categorias para compreender o papel do pai na família a partir de alguns aspectos. Inicialmente foram estudadas as referências feitas aos pais do passado, ou seja, aos pais de outras gerações, avós, bisavós das crianças. Muitos entrevistados se referem à presença paterna enquanto aquela responsável por uma rígida educação, através de punição física. Já outros fizeram referência à autoridade do pai dentro de um padrão burguês, no qual o castigo está vinculado a questões emocionais e não à agressão física. Nestas famílias há ausência de diálogo e de proximidade com os filhos, sendo que algumas têm origem urbana.

A segunda categoria analisada foi a manutenção econômica da família e pode-se observar famílias que mantêm o padrão da família burguesa, na qual os pais de família executam um trabalho remunerado enquanto às mulheres é destinado o trabalho doméstico. Em algumas famílias esse modelo aparece claramente.

Em contrapartida, na maior parte das famílias a manutenção econômica é dividida entre homens e mulheres, sendo um dado que evidencia as grandes modificações que a família vem sofrendo, tanto na sua configuração como no funcionamento.

Nota-se que em algumas famílias a mulher (mãe) exerce sozinha ou majoritariamente a manutenção econômica, o que confirma dados estatísticos que apontam um grande número de famílias nas quais o pai não está presente. (Giffin, 1998).

A terceira categoria analisada foi o cuidado propriamente dito do pai em relação à criança. Observou-se que há um interesse dos pais em relação aos cuidados com os

filhos, mas, de uma maneira geral, o acompanhamento das atividades, cuidados com alimentação, higiene e com a educação não escolar aparecem vinculados à figura materna, sendo a ausência dos pais justificada pelo trabalho.

Mesmo assim, percebe-se em alguns casos, principalmente na fala dos próprios pais, a valorização da participação da figura paterna, dentro de um modelo de divisão igualitária de tarefas, e talvez por essa razão eles justifiquem a sua ausência. Apesar da figura paterna não estar presente em todas as famílias entrevistadas, aparece na fala da mãe a confirmação do desejo de participação.

Pode-se observar também a redução da autoridade paterna. Em relação às práticas educativas, há alguns relatos de punição física, no entanto os pais sempre se justificam ou dizem arrependê-lo. Percebe-se um pai mais aberto ao diálogo, mais permissivo, e mais próximo em relação aos relatos dos pais de outras gerações.

Dentro da diversidade e da grande mobilidade da família percebeu-se que o pai da família goianiense tem como forte referência os padrões da família rural brasileira, mas vive também os efeitos do processo de rápida urbanização da cidade e das mudanças trazidas por ela, como a inserção da mulher no mercado de trabalho bem como todas as suas conquistas sociais. Dentro dessa nova realidade tenta se adequar procurando participar, em algumas famílias, diretamente da criação dos filhos, mesmo que ainda se limitando a cuidados como educação escolar e a preocupação com a formação para o mercado de trabalho, o lazer e o transporte. Os cuidados com saúde, higiene e alimentação ainda parecem exclusivos da função feminina.

A família, compreendida como constituinte e constituída da/pela sociedade, é uma categoria que merece ser investigada na sua particularidade social, para que se possa compreender o desenvolvimento e transformações sociais.

Trabalho completo

A família é uma instituição historicamente constituída que ao longo do tempo sofre modificações em função das transformações econômicas, culturais e sociais, o que provoca também a produção de diferentes subjetividades. Neste sentido, para compreender o lugar do pai, o seu papel na família contemporânea, é necessário investigar o movimento histórico que produz diferenças nas relações familiares, uma vez que não é possível conceber o presente isolado no tempo, sem a referência dos condicionantes do passado.

A figura paterna tem sido documentada e analisada por vários autores em diversas áreas do conhecimento, e mais recentemente as mudanças na representação da paternidade têm chamado a atenção de pesquisadores. Contudo as publicações recentes são poucas, principalmente em relação à família brasileira e mais especificamente à região Centro-Oeste.

Um importante movimento histórico que deve ser levado em conta para a compreensão da família contemporânea é a transição da Idade Média para a Modernidade, o que implicou na transformação da família, de extensa a nuclear burguesa. Esta última forma se caracterizou por estabelecer um novo lugar para a criança e para as relações emocionais entre pais e filhos.

Segundo Engels (2002), na família burguesa do final do século XIX, a preponderância da figura masculina está atrelada ao poder econômico e também à posição pública do homem, que se apresenta na figura do pai-professor-patrão, ou seja, na posição de autoridade masculina.

A família burguesa de meados do século XIX apresenta-se como uma família urbana, com baixo índice de fertilidade e mortalidade, assumindo um padrão diferente de afetividade e privacidade. A responsabilidade do marido era manutenção econômica, sendo este autoridade dominante na família. À esposa cabia a tarefa de cuidar dos filhos e toda a responsabilidade em relação ao desempenho destes lhe era cobrada. A casa desvincula-se do trabalho, com isso a figura do pai está ausente na maior parte do dia.

Marcando a diferença em relação a outros tempos históricos, a família moderna constitui suas próprias leis, sem influência da jurisdição da sociedade, cabendo aos pais, principalmente ao pai, o total exercício da autoridade. Esta era exercida em nome do amor, havendo uma diminuição dos castigos físicos e um aumento das cobranças a um nível emocional e afetivo. Na família burguesa, portanto, há extrema privatização e suprema autoridade.

No século XX, há uma crescente perda da autoridade da família, que favorece e incentiva o novo modelo capitalista, pautado no individualismo. Principalmente no âmbito da classe média, difunde-se a idéia da família “ideal” dentro de um padrão americano, onde o pai é um trabalhador bem sucedido e a mãe, sempre feliz, é responsável pela organização do lar e pelo cuidado com os filhos, que sempre bem cuidados aguardam o pai retornar do trabalho para juntos desfrutarem os bens adquiridos e a casa bem equipada.

Já a segunda metade do século passado trouxe grandes mudanças que abalaram essa aparente harmonia da família “ideal”, deixando transparecer seus conflitos. Na década de 60 surge a pílula anticoncepcional que rompeu a ligação entre reprodução e sexualidade. A mulher passa a reivindicar então o direito ao prazer sexual, que há muito lhe havia sido cerceado, e recria a sua subjetividade ampliando a sua atuação no mundo social, com isso se introduz a “escolha” ao ambiente familiar. Na década de 80, a família é marcada por uma nova revolução com o desenvolvimento das técnicas reprodutivas e passa a ter autonomia e “poder” no planejamento familiar. A mulher e a criança passam a ter constitucionalmente os seus direitos estabelecidos e reconhecidos, pelo menos no papel, e ainda a possibilidade de reconhecimento da paternidade através do exame de DNA, que nos anos 90, introduz ou intensifica as tensões na posição do pai dentro da família. (Sarti, 2003)

A família do século XXI está sobre a influência de significativas mudanças e muitas interrogações surgem sobre como ela estará reagindo. Em especial as tensões introduzidas no universo masculino, em relação ao seu lugar na família e na criação dos filhos, espaço muito bem delimitado e estabelecido anteriormente, cria um vasto e interessante campo para pesquisa.

Esta pesquisa é parte do grande projeto intitulado “Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais”, desenvolvido através de parceria institucional estabelecida entre o Centro de Estudos Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil (CEPAJ) da Universidade Católica de Goiás (UCG) e o Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI) da PUC-RJ. Nesta etapa da pesquisa, a investigação se deu de forma qualitativa e teve como objetivos: compreender como o pai tem participado da criação de seus filhos; qual a disponibilidade de tempo e as responsabilidades assumidas por ele em relação a cuidados como educação, saúde e lazer; investigar como e a quem está ligada a figura de autoridade.

Foram entrevistadas 11 famílias, selecionadas a partir da primeira etapa da pesquisa, de acordo com uma série de critérios, tais como a diversidade de configurações familiares, a distribuição geográfica das famílias nas várias regiões da cidade de Goiânia, bem como a situação sócio-econômica. Um outro critério fundamental na escolha das onze famílias foi a presença de pelo menos uma criança com idade entre 6 e 11 anos.

O quadro abaixo apresenta as famílias com seu código e configuração.

Quadro1: Configuração das famílias entrevistadas

Código	Configuração familiar
F1	Nuclear com criança agregada
F2	Nuclear simples
F3	Monoparental feminina extensa
F4	Nuclear reconstituída
F5	Avó cuidando de netos e monoparental feminina extensa
F6	Nuclear extensa
F7	Nuclear com avós cuidando de netos
F8	Monoparental feminina simples
F9	Monoparental masculina simples
F10	Monoparental com criança agregada
F11	Família homossexual feminina criando criança

O método adotado pela pesquisa se baseou no materialismo histórico e dialético e, desta forma, a pesquisa parte do pressuposto que o objeto estudado é uma realidade histórica, social, constituída de oposições. Visando apreender este objeto na sua complexidade e profundidade, e tomando-o a partir do discurso das famílias entrevistadas, a pesquisa realizada foi de cunho qualitativo. A preocupação não está em quantificar, mas sim, compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que são constituídas de crenças, valores, atitudes e hábitos, construídos na história social geral e particular de cada família. Por esse motivo, procurou-se trabalhar com as vivências e a cotidianidade, bem como com o entendimento da instituição família, como construção humana. O instrumento utilizado para a coleta de dado foi entrevista aberta, em um primeiro momento, e a entrevista semi-estruturada em um segundo momento.

Foram estabelecidas categorias que analisam o papel do pai dentro de alguns aspectos. Inicialmente foram estudadas as referências feitas aos pais do passado, ou seja, aos pais de outras gerações, avós, bisavós das crianças. Dentro desta categoria ficou evidente em várias famílias de origem rural o exercício da paternidade próximo ao modelo do campesinato, (Canevacci, 1985), no qual a figura do pai está ligada à autoridade inquestionável. As crianças o ajudam como mão-de-obra nas atividades de manutenção da família, e as relações são estabelecidas com pouco contato afetivo e pouco diálogo, e as crianças muitas vezes são criadas por parentes próximos, longe dos

pais. A infância é pouco reconhecida e muitas vezes é cobrado destas crianças um comportamento de adulto, sendo severamente punida fisicamente a criança que não cumpre estes padrões. Estes dados foram encontrados em relatos como:

F2¹

Pai²: Olha, a minha infância foi o seguinte: o que eu tinha que fazer era ajudar meu pai e minha mãe. Trabalhava de segunda... quero dizer... eu estudava de segunda a sexta, na sexta eu matava serviço pra poder ajudar meu pai porque passava dificuldade, entendeu, eu ia trabalhar na roça com ele.

E: O senhor morava na roça?

Pai: Não, eu morava na cidade e trabalhava na roça, aí eu ficava na sexta... isso era indiscutível, eu matava a aula e ia.

(...)

Pai: Meu pai também quando pegava um pegava era todo mundo também.

F7

E: E o senhor estudou?

Avô: Eu não, nunca estudei não. Meu pai disse que a gente precisava era trabalhar, que estudar não enchia barriga (risos dele).

(...)

Avô: Meu pai, meu pai era muito mau pra nós, ele batia muito em nós, e não deu leitura pra nós, não deu educação de escola, ele não deu pra nenhum. Ele disse que tinha era que trabalhar, que ler e escrever não enchia a barriga não.

F10

E: Como que era a relação de vocês com o pai de vocês, com a mãe?

Tia: Ah, aquela relação de gente antiga, você sabe como é que é, tudo respeitava... não tinha aquele negócio "não vou, vai, não vou...". Não tinha aquele negócio de nós estarmos conversando aqui e menino chega conversando aqui e chega: "pai, é isso...", não... se chegasse aqui e conversasse você podia preparar o lombo, podia.

Além dos relatos que apontam a presença paterna enquanto aquela responsável por uma rígida educação, através de punição física, algumas famílias entrevistadas também fizeram referência à autoridade do pai sem estar vinculada à agressão física, dentro de um padrão burguês, em que o castigo está vinculado a questões emocionais. Nestas famílias há ausência de diálogo e de proximidade com os filhos, sendo que algumas têm origem urbana, como é o caso da F1, originária do Rio de Janeiro.

F1

E: E os pais da senhora era só de olhar ou era de bater?

Mãe: Meu pai era só de olhar. Meu pai não batia não. Meu pai só me deu uma surra, eu tinha nove anos. Aí ele me bateu, mas depois nunca mais bateu não. Ele não era de bater. E também não tinha diálogo, igual a gente tem hoje. Sentar, conversar e falar, não. Falava quando você desobedecia.

¹ Esta sigla identifica qual a configuração da família, conforme o Quadro 1.

² Na citação das entrevistas, a letra "E" indica entrevistadora. O(a) entrevistado(a) é identificado(a) pela sua função em relação à(s) criança(s).

F2

E: Agora eu vou dizer algumas frases e a senhora vai me falar o que acha delas. "Criança é bicho sem juízo", "Criança não conta", "Menino não tem querer", "Menino, cachorro e bicicleta é da porta pra fora". O que vocês acham dessas frases?

Mãe: Ah muitas aí são verdadeiras, é o que acontece. Menino não dá opinião... só que hoje não é tanto. Antigamente era mais, hoje não, hoje eles já tão mais pra frente, mas antigamente só de... pai olhar eles já... nem davam opinião. Mas essa aqui dá opinião demais! Intromete demais!

A segunda categoria analisada foi a manutenção econômica da família onde pode-se observar famílias ainda sob a influência da distribuição de papéis produzida pela Revolução Industrial, em que os pais de família executavam um trabalho remunerado enquanto às mulheres eram destinados os trabalhos domésticos (Poeschl, 2003). Dessa forma, o papel do pai é prover financeiramente a família enquanto à mulher é destinado todo o cuidado da família e da casa. Em algumas famílias essa influência aparece claramente.

F7

E: E como que a família se mantém economicamente? Quem ajuda a manter o seu neto, a mãe dele ou só vocês?

Avô: A mãe dele sempre dá uma ajudinha mais é só eu mesmo.

Em contrapartida, na maior parte das famílias pesquisadas, a manutenção econômica é dividida entre homens e mulheres, sendo um dado que evidencia as grandes modificações que a família vem sofrendo, tanto na sua configuração como no funcionamento (Grzybowski, 2002). Há um movimento histórico, mesmo que contestado, em que a reprodução se opõe à dedicação ao trabalho, cada vez mais exigida na sociedade competitiva, com isso a família se sobrecarrega entre as atividades profissionais e os cuidados com os filhos, levando também a uma divisão desses cuidados mesmo que de forma não igualitária (Giffin, 1998).

F2

E: E como que a senhora e sua família se mantém?

Mãe: Do meu trabalho e do trabalho do meu marido.

F3

P: O que o pai da criança e você fazem no cuidado do filho?

Mãe: Os dois fazem a mesma coisa, é como se fosse até casado e nunca tivesse separado.

E: Nas despesas também é assim? Dividido?

R: Também. Apesar de mãe sempre gastar mais, porque dá um presente às vezes mais caro...

Nota-se que em algumas famílias a mulher (mãe) exerce sozinha ou majoritariamente a manutenção econômica. Giffin (1998) aponta que a estatística mundial mostra que de um quarto a um terço das famílias não contam com a presença do pai na manutenção econômica, fenômeno esse justificado pela participação das mulheres no mercado de trabalho.

A terceira categoria analisada foi o cuidado propriamente dito do pai em relação à criança. Observou-se que há um interesse dos pais em relação aos cuidados com os filhos, mas, de uma maneira geral, o acompanhamento das atividades, cuidados com alimentação, higiene e com a educação não escolar aparecem vinculados à figura materna, sendo a ausência dos pais justificada pelo trabalho.

F1

E: E o esposo da senhora?

Mãe: Ele sai cedo e só chega de tarde, né?! De tardezinha que ele chega, mas também fala o que é certo o que é errado.

E: Mas na educação mesmo, ele não opina?

Mãe: É, não a educação fica comigo mesmo. Toda vida.

E: Até com os filhos da senhora foi assim?

Mãe: É, porque toda vida saía cedo, só voltava de noite. Nunca teve tempo de ficar assim, o dia inteiro com as crianças. Então era comigo mesmo.

Outro dado apresentado pela pesquisa é em relação à fala dos filhos, que em sua maioria dizem preferir a mãe ao pai, certamente por estar ainda muito vinculados à figura materna os cuidados e a maior disponibilidade de tempo de convivência. Stengel (2004) fala sobre a força cultural, e não de instinto, que dá à mulher a capacidade e o desejo de maternar, enquanto esses sentimentos de maternagem são reduzidos nos homens, tendendo a negar o relacionamento. “Mesmo os homens sendo maridos e pais durante a vida, o que define o masculino é proveniente predominantemente das funções não familiares dos homens”. (p.138)

Mesmo assim, percebe-se em alguns casos, principalmente na fala dos próprios pais, a valorização da participação da figura paterna, dentro de um modelo igualitário. Talvez por essa razão a necessidade de justificar a sua ausência. A partir de pesquisa realizada com pais, Stengel aponta uma “maior participação dos homens na criação e educação dos filhos, aspecto que foi intensamente desejado pelos pais” (2004, p. 140). Apesar da figura paterna não estar presente em todas as entrevistas, seja por não residir com a família ou em alguns casos não apresentar interesse em participar, aparece na fala da mãe a confirmação deste desejo de participação.

A família F9 apresentou um dado curioso pois o pai, que é o único responsável pela criança durante a semana, assume todos os cuidados tanto pela criança quanto pela casa, mas todas essas responsabilidades são passadas para sua namorada nos fins de semana, que então exerce o papel de mãe e dona de casa.

F9

E: O que você faz em relação a P. (filha), além de levar ela pra escola e buscar seis horas? Faz as trancinhas?

Pai: Faço as trancinhas. (risos) Primeiramente eu faço as trancinhas, porque demora mais, mas eu gosto de fazer trancinha nela e chega em casa eu vou cuidar porque eu lavo, eu passo, entendeu? Sou pai e mãe tudo ao mesmo tempo.

E: Faz tudo?

Pai: Faço tudo.

E: Faz comida?

Pai: Faço comida!

E: Você ajuda seu pai? (dirigindo-se à criança)

Criança: Anham!

E: É? E a M. (namorada do pai) quando vem no fim de semana?

Pai: Aí eu passo a tarefa pra ela.

Aparece, em algumas falas, a preocupação dos pais em acompanhar o desenvolvimento dos filhos participando de seu dia-a-dia, buscando na escola e principalmente, acompanhando as tarefas e o desempenho escolar. Isso reflete a transformação das crianças da sociedade industrial urbanizada, que deixam de ser recurso produtivo, como na sociedade rural, e passam a ser investimento de risco (Giffin, 1998). Sendo assim, é necessária a sua preparação para ser absorvida pelo disputado mercado de trabalho.

Outro aspecto observado foi a redução das punições físicas pela autoridade paterna. Apesar dos relatos de algumas punições físicas, estas vêm sempre acompanhadas de justificativa ou arrependimento e é sempre limitada a frequência dessas punições. Percebe-se um pai mais aberto ao diálogo e mais próximo, em relação aos relatos dos pais de outras gerações.

F1

E: E seu esposo ajuda na correção, alguma coisa assim?

Mãe: Não porque ele fica só olhando. Mas ele (o filho) não desobedece ele (o pai) não. Ele é apaixonado. Diz que “é meu pai” ninguém pode fazer nada com o pai dele. Mas meu esposo é assim. Eu dano, eu falo. Ele não fala nada não.

F2

Mãe: Esse aqui o dia que ele bateu nela eu tive que brigar com ele, porque ele bateu nela depois ele foi adular, então isso não é correto né. Ele bate depois vai adular?

E: Ele bateu nela só uma vez?

Mãe: Foi, só uma vez.

E: Qual o motivo?

Mãe: Não me lembro.

Pai: Foi uma surrazinha de nada...

Mãe: Não sei o que ela aprontou aí e ele tava nervoso... acho que nesse dia ele bateu sem motivo...

Pai: Tem motivo sim...

Mãe: Não, ela teimou mas não era assim uma coisa dele bater, só que ele bateu na hora e depois adulou.

Esta diminuição da autoridade paterna talvez seja reflexo da atividade profissional da mulher e de uma partilha igualitária de decisões (Poeschl, 2003), bem como do questionamento dos modelos de masculinidade e, conseqüentemente, de paternidade. (Barsted, 1988).

O declínio da autoridade paterna, por outro lado, “é concomitante ao fortalecimento do sentimento de autonomia do sujeito, que acredita não ter mais que submeter-se a nenhuma Lei simbólica, quer ela se apresente sob a forma da tradição, da religião, da paternidade.” (Roure, 2001, p. 238)

Para Stengel (2004), as mudanças na prática da paternidade não acontecem distanciadas das mudanças na maternidade. Toda família passa por um processo de transformação que dá a ela um caráter flexível e plural, dentro dessa diversidade de composições e de revisões. O exercício da paternidade, que não é pautado na natureza como é a maternidade, é um processo mais complexo, ainda mais se considerando as novas exigências para o seu exercício.

Dentro da diversidade e da grande mobilidade da família percebeu-se que o pai da família goianiense tem como forte referência os padrões da família rural brasileira, mas dentro dessa nova realidade, gerada pelo processo de rápida urbanização da cidade e das mudanças trazidas por ela, como a inserção da mulher no mercado de trabalho bem como todas as suas conquistas sociais. O pai tenta se adequar, procurando participar diretamente da criação dos filhos, em algumas famílias, mesmo que ainda se limitando a cuidados com a educação escolar e com a formação para o mercado de trabalho, bem como com o lazer e o transporte. Os cuidados com saúde, higiene e alimentação ainda parecem exclusivos da função feminina. Confirma-se uma redução da autoridade paterna praticamente em todas as famílias, o que levou também a uma diminuição dos castigos físicos, abrindo espaço para o diálogo.

Referências Bibliográficas

BARSTED, L. L. Contribuições do feminino para o exercício da paternidade. In: P. Silveira (org.) *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CANEVACCI, Massimo. *Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GIFFIN, K. Exercício da paternidade: Uma pequena revolução. In: P. Silveira (org.) *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GRZYBOWSKI, L. S. (2002). Famílias monoparentais: mulheres divorciadas chefes de família. In A. Wagner (coord.). *Famílias em Cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002.

POESCHL, G. Representações das diferenças entre os sexos, práticas familiares e relações entre homens e mulheres. *Rev Estudos*, Goiânia, v. 30, n.1, p. 39-53, 2003.

ROURE, G. Q. Em nome do pai. In: S. M. G. Sousa (org.), *Infância, adolescência e família*. Goiânia: Cãnone, p.231-250, 2001.

SARTI, C. A. (2003). Famílias enredadas. In: M. A. F. Vitale e A. R. Acosta (org.). *Família: redes laços e políticas públicas*. São Paulo: IEE-PUC/SP.

STENGEL, M. Desafios à paternidade: pais de adolescentes que tem a guarda de seus filhos. *Estudos*, Goiânia, v. 31, p.129-155, 2004.